

CAMÕES E A GEOGRAFIA

CONHECIMENTO DE CAMÕES

Passa este ano o quarto centenário de CAMÕES, que «morreu com a Pátria» em 1580, quando o exército do invencível Duque de Alba se preparava para aniquilar uma nação que tinha sofrido o maior colapso da sua história. Ora CAMÕES não é só o cantor das glórias lusíadas e das líricas que se situam em tantos lugares por onde andou, mas o mais geógrafo dos poetas, desde a descrição da «máquina do mundo» segundo PTOLOMEO até uma suma tanto das terras conhecidas como de mares navegados ou acabados de descobrir e das suas margens.

Homem de cultura humanística e científica, como se diria hoje, viajante infatigável, conhecedor de grande parte do mundo que descreve, o seu poema serviu de tema a eminentes exegetas. LUCIANO PEREIRA DA SILVA tratou da *Astronomia dos Lusíadas* (1.^a edição 1913-1915), síntese da ciência cosmológica da época, o CONDE DE FICALHO compôs uma completíssima *Flora dos Lusíadas* (1880), ANTÓNIO C. BORGES DE FIGUEIREDO, professor da Escola Primária Superior de Lisboa e arqueólogo, *A Geografia dos Lusíadas* (1883) que, se não alcançou o nível das obras anteriormente citadas, deu uma contribuição erudita e original ao assunto como adiante se especificará; EPIPHANIO DIAS, o mais arguto editor e comentador do poema (1908), não a cita — o que é uma injustiça. É importante lembrar ainda o médico, romancista e historiador brasileiro AFRÂNIO PEIXOTO, autor de um *Dicionário de «Os Lusíadas»*, em colaboração com PEDRO PINTO, monumento da mais variada erudição mitológica, arqueológica, histórica e até fisiológica, e o índice de lugares de toda a obra camoniana de ALBERTO SALGADO JUNIOR, nem sempre porém de manejo fácil para o profano. Na edição de 1972, comemorativa da publicação da epopeia, ÁLVARO JÚLIO DA COSTA PIMPÃO deu-nos um texto escrupulosamente fixado e rica-

mente comentado, com índice muito completo dos nomes próprios, como havia feito EPIPHANIO. Sem falar de ensaístas de vária qualidade que, a respeito da vida e da obra, deram largas às suas fantasiosas opiniões ou suscitaram importantes reparos críticos, que seria ocioso citar num trabalho desta índole — remetendo o leitor curioso para os estudos de literatura, onde sobressai HERNÂNI CIDADE, admiravelmente condensados num trabalho póstumo em francês de GEORGES LE GENTIL. Seja-nos permitido lembrar, na «Biblioteca Breve», um livrinho recentíssimo sobre *Camões Épico e Lírico*, de MARIA VITALINA LEAL DE MATOS, não só pela elegante concisão e profunda aproximação do poeta como pelo conhecimento e aproveitamento da bibliografia que lhe diz respeito. Havendo de citar para o leitor comum um único e breve livro não hesitaríamos em referir este. A Academia reeditou as *Fontes dos Lusíadas* de JOSÉ MARIA RODRIGUES (1.ª edição 1913), monumento da mais valiosa e segura erudição e de amplas perspectivas.

Pelo esquecimento a que tem sido votado o livrinho de BORGES DE FIGUEIREDO, ao tentar de novo o assunto, transcrevem-se dele o índice e a conclusão, notáveis pela modernidade com que são encarados. Os capítulos em que se divide mostram um conceito muito lato da Geografia, que ia além da enumeração de acidentes naturais e cidades:

- I. O horizonte geográfico ao tempo do Camões,
- II. O sistema cosmográfico empregado pelo Camões,
- III. A Geografia política e físico-histórica dos Lusíadas,
- IV. Como o Camões tratou a geografia, etnografia e economia,
- V. O itinerário de Vasco da Gama.

CAMÕES «compreendia perfeitamente que a Geografia não consistia só na enumeração dos países e das cidades, na indicação das montanhas e dos rios, nem mesmo nas mais recentes informações colhidas sobre o Globo; mas que ela é verdadeiramente a reunião de todas as notícias que se possam obter sobre as diferentes regiões da terra, sobre sua configuração e seu relevo, acerca do seu clima, produções e habitantes, em suma, o conjunto de todos os conhecimentos que foi possível adquirir sobre estes objectos desde

as mais remotas idades; em razão das mudanças e das transformações que de contínuo se estão dando, e das gerações que sem cessar se produzem».

Além do índice dos nomes geográficos que ocorrem em *Os Lusíadas*, junta-se uma «Carta da Geografia dos Lusíadas, poema épico de LUÍS DE CAMÕES, dedicada a S. M. El-Rei D. Luís por A. C. BORGES DE FIGUEIREDO, 1883», com um parecer muito elogioso da Academia Real das Ciências, de 10 de Maio de 1883, por PINHEIRO CHAGAS. O planisfério de MERCATOR, usual em mapas náuticos, tem a originalidade de ser centrado no Oceano Pacífico, a melhor forma de situar as conquistas portuguesas do Oriente e a viagem de Magalhães. Seis outros mapas em escala média representam a Espanha [Península], Itália, Grécia, Ásia Menor, Arábia com Egípto e Pérsia, Índia do Mar de Omã, Indochina, Ilha de Hai-nan, Sumatra (*sic*).

Uma revista portuguesa de Geografia não pode deixar passar esta efeméride; alguém, que não é camonista nem especialista da história da Geografia da Renascença, faz o esforço de boa vontade de dedicar-lhe algumas páginas onde algo de novo tentou trazer a um assunto inesgotável, lamentando que a sua erudição ajunte pouco mas esperando não desmereça de uma leitura atenta do maior poeta da língua portuguesa. O que vai ler-se é apenas um testemunho de boa vontade, sem pretender confrontar-se com algumas das obras antes citadas.

CAMÕES, HUMBOLDT E A COSMOGRAFIA DA RENASCENÇA

CAMÕES entrou no mundo da Geografia pela mão do próprio fundador da Ciência, ALEXANDER VON HUMBOLDT, um dos maiores naturalistas e viajantes de todos os tempos. Conhecendo a fundo o francês, sua língua materna (era filho duma *huguenote*), o latim, em que compôs a obra que fundou a Geografia das plantas, o espanhol, que aprendeu em muitos anos de permanência nas então colónias espanholas da América, não lhe foi difícil entrar na leitura directa e atenta da epopeia. Não parece necessário repetir aqui as três páginas entusiásticas extraídas do 2.º volume do *Cosmos* (1847). Esta obra apenas se encontrará em muito poucas bibliotecas públicas ou privadas. Remete-se o leitor curioso para a tradução e

transcrição com que começa o livro de LUCIANO PEREIRA DA SILVA, felizmente há poucos anos reeditado (*A Astronomia de «Os Lusíadas»*, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1972). Encontra-se no 2.º volume do *Cosmos*, uma das maiores arquitecturas científicas que jamais se levantaram, num extenso excurso sobre a ideia do *Cosmos* nos séculos XV e XVI, onde se fala dos grandes navegadores e descobridores ibéricos, entre os quais o Gama não podia deixar de ser referido com o maior entusiasmo. Com o mesmo entusiasmo é citado o seu cantor, não só por dominar a ciência geográfica e cosmográfica do seu tempo, mas principalmente pelo muito que viu e foi o primeiro poeta a descrever.

«Aquela peculiar concepção da Natureza, que tem a sua origem na própria observação, brilha, no mais alto grau, na grande epopeia nacional da literatura portuguesa. Respira-se como que um aroma de flores da Índia através de todo o poema, escrito sob o céu dos trópicos, na gruta de Macau e nas ilhas Molucas. [...] Nas partes descritivas de *Os Lusíadas*, nunca a inspiração do poeta, o ornato da linguagem ou os suaves acentos de melancolia prejudicam a precisão na pintura dos fenómenos físicos; antes, como sucede sempre que a arte brota de fonte pura, realçam a viva impressão de grandeza e verdade dos quadros da Natureza. São inimitáveis em Camões as descrições da eterna correlação entre Céu e Mar, entre as nuvens multiformes, os seus *processus* meteorológicos e os diferentes estados da superfície do Oceano.»

Encantou especialmente HUMBOLDT a descrição da tromba marinha, concisamente feita numa única estrofe. Ao poeta não esqueceu a observação de que a água do mar, levantada em redemoinho, é devolvida em forte chuvada... de água doce.

«Vejam agora os sábios na escritura», diz o Poeta (e di-lo zombando quase até dos modernos tempos), 'que segredos são estes de Natura!', já que, guiados 'só por puro engenho e por ciência', 'julgam por falsos ou mal entendidos' os casos que contam

... os rudos marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiência.

«Mas o talento do inspirado poeta para descrever a Natureza não se manifesta só nos fenómenos isolados; brilha igualmente quando abrange grandes massas duma vez. O terceiro canto desenha,

em poucos traços, a configuração da Europa desde as regiões mais frias do norte até ao reino Lusitano e ao Estreito que 'se enobrece co extremo trabalho do Tebano'. Faz constante alusão aos costumes e civilização dos povos que habitam esta tão recortada parte do mundo. Da Moscóvia, do Império da Alemanha e 'outras varias nações que o Reno *frio* lava', passa rapidamente para os deliciosos campos de Hélade: 'que criastes os peitos eloquentes e os juízos de alta fantasia'. No décimo canto alargam-se os horizontes. Tétis conduz o Gama a um alto monte para lhe desvendar os segredos da *machina do mundo* e o curso dos planetas (segundo o sistema de Ptolomeu). É uma visão no estilo de Dante; e como a Terra é o centro de todo o movimento, expõe por fim, na descrição do globo terrestre, quanto se sabia dos países então descobertos e das suas produções. Não se trata já de descrever só a Europa, como no canto terceiro; todas as partes do Mundo são passadas em revista, sendo até nomeadas as terras de Santa Cruz (Brasil) e as costas descobertas por Magalhães, 'no feito com verdade português, porem não na lealdade'.»

Nenhum poeta deveu tanto à Geografia na inspiração, na textura e em inúmeros pormenores da sua epopeia. Nenhum geógrafo, grande entre os maiores, escreveu com mais entusiasmo e com mais justeza acerca de um poeta, onde encontrou matéria tão dentro dos seus gostos e preocupações, com aquele sopro de génio que caracteriza as notáveis criações científicas da época romântica. Relações que, no centenário da morte do poeta, merecem ser comovidamente memoradas.

CAMÕES mostra a perfeita familiaridade com alguns dos autores gregos e latinos (parece fora de dúvida que ambas as línguas lhe foram familiares); este saber não foi adquirido na Universidade aristotélica, mas no mundo mais aberto de certos mosteiros que escaparam ao estreitamento de ideias em que aquela se movia.

O sistema do mundo de CAMÕES é o que, na Universidade, professou PEDRO NUNES e depois ensinou AVELAR. CAMÕES pareceu desconhecer ou desprezar a doutrina de COPÉRNICO, exposta em 1543 em *De Revolutionibus Orbium Caelestium* que, ao contrário do que poderia pensar-se, derrogando o sistema ptolomaico por outro heliocêntrico, já pressentido pelos próprios gregos, não constitui uma «revolução» científica, pois penetrou tardia e dificul-

tosamente no ensino das Universidades. Não só as ideias novas levaram tempo a abrir caminho, mas a Inquisição não permitiria outro sistema teórico que não tivesse a Terra como centro. PEDRO NUNES, que conheceu COPÉRNICO, continuava seguindo PTOLOMEU — nem a Inquisição lhe permitiria outro caminho! Basta lembrar que GALILEU foi condenado pelo Santo Ofício ainda em 1613, num processo escandaloso, por ideias e inovações na sequência de COPÉRNICO e KEPLER; inventando a luneta astronómica, de cujo princípio derivam os mais potentes telescópios ópticos, criou a possibilidade de multiplicar a observação dos corpos celestes, a maior parte deles tratados apenas como pontos geométricos por argutos matemáticos. CAMÕES escreveu num país de censura inquisitorial rigorosa e, se o benévolo censor aceitou a fantasia dos heróis e mitos antigos, advertindo apenas que os deuses pagãos «eram demónios», não poderia deixar passar uma crença geralmente repudiada.

A descrição de CAMÕES, que tem por fim mostrar a «máquina do mundo» e cartografar e descrever com notável rigor as suas partes telúricas, só tem comparação com a «terceira descoberta do mundo» através dos satélites, vista pela primeira vez não na imagem das terras e dos mares, representados com toda a exactidão, mas com a incomparável variedade do mundo contemplado de fora da morada permanente do homem — e da sua original visão do Cosmos.

«Os alunos seriam vivamente interessados com o que o poeta resume da concepção ptolomaica... *Os Lusíadas* não constituem apenas deleite mas instruem com insuperável clareza... Mas por todo o poema há muitas referências a factos astronómicos sempre sob uma forma bela e sugestiva» (HUMBOLDT). Há na sua composição, expostas com beleza, noções sedutoras e exactas para a ciência do tempo.

POETA E OBSERVADOR

Mas CAMÕES não escreveu *Os Lusíadas* encerrado num gabinete, com as suas noções e as suas ideias. «Vi claramente visto o lume vivo», o fogo de Santelmo brilhar no cimo dos mastros, passar a

tromba de água, retirando do mar o sal quando tornava às suas águas.

«Vejam agora os sábios na escritura
Que segredos são estes de Natura.»

V, 22.

«A natureza que é madre das coisas e toda a dúvida nos tira», disse pouco antes o grande navegador e homem de reflexão DUARTE PACHECO PEREIRA (1505), mostrando que a zona equinocial é habitável, ao contrário do que julgavam os antigos, embora dando crença a lendas como a de cobras gigantes que nascem nos rios e se desfazem na água salgada, e aceitando que os mares são lagos no meio da superfície emersa, pois assim o ensinaram os antigos. Em meio século, mudou o conhecimento do mundo pela observação e reflexão dos descobridores. Um ciclo da compreensão do Cosmos fechara-se no maior conjunto de descobertas que, de Colombo a Vasco da Gama, lhe dão a maior amplitude. Eis o que mostra HUMBOLDT. «Esta opinião de tão eminente autoridade traduzida do alemão por quem faria melhor que nós, devia ler-se, desacompanhada de comentários supérfluos, em todas as edições escolares de *Os Lusíadas*», escreveu, como fecho da longa citação de HUMBOLDT, LUCIANO PEREIRA DA SILVA — o que nunca foi feito. Por estranho que pareça, tal sugestão não foi tida em conta pelos vários autores e editores da epopeia para o ensino (nem na excelente edição de CLÁUDIO BASTO, há muito esgotada e substituída por outras inferiores).

AS FONTES GEOGRÁFICAS E COSMOGRÁFICAS DE CAMÕES

Mostraram os comentadores recentes, principalmente JORGE BORGES DE MACEDO, que *Os Lusíadas* são uma epopeia histórica e que a sua fonte mais importante é a obra de JOÃO DE BARROS, de que apenas nos resta um grande fragmento — as *Décadas da Ásia*; não é difícil acrescentar que *Os Lusíadas* são também uma epopeia

geográfica, e a mais geográfica que se concebeu. As duas ciências aparecem estreitamente entrelaçadas.

«Primeiro tratarei da larga terra
Depois direi da sanguinosa guerra.»

III, 5.

A descrição geográfica precede a narrativa histórica (alusão às guerras de Marrocos), noção tão entranhada no seu espírito e que se situa dentro das preocupações mais actuais da Ciência.

Qual é a sua fonte principal? Não hesitamos em lançar uma hipótese a que só o caso do achamento de um manuscrito desgarrado pode trazer confirmação. Mas no comércio entre eruditos, os manuscritos corriam antes dos livros impressos e é muito provável que CAMÕES tenha conhecido a *África* e, principalmente, a perdida *Geographia*, em latim, a que numerosas alusões no corpo das *Décadas* permitem restituir o âmbito, o espírito e os métodos. Este livro foi a primeira tentativa de uma descrição do mundo conhecido, anterior de poucos anos à célebre *Cosmographia* de SEBASTIAN MÜNSTER (1544), traduzida em várias línguas e que alcançou 25 edições em alemão. Considera-se geralmente este livro a *summa* dos conhecimentos geográficos do Renascimento e a mais notável geografia desta época. A não ter-se perdido, caberia a BARROS o lugar de maior relevo na história da Geografia no século XVI, que marca a decisiva fase no desenvolvimento da ciência. Este grande espírito é certamente a segunda figura do Renascimento literário português. Através de numerosas alusões nas suas *Décadas* e nas de DIOGO DO COUTO e LAVANHA, cuidadosamente recenseadas e comparadas, SUZANA DAVEAU e eu preparamos uma *Geographia restituta* do mais célebre cronista da expansão..., já que parece pouco provável a aparição deste texto latino, certamente com a erudição e a envergadura que se admira na sua obra publicada em português e, por isso, mais acessível.

Para a interpretação da cartografia em línguas orientais, BARROS não hesitou em adquirir escravos que lhe traduziam, como CERVANTES diz que comprou, entre os Mouros tão abundantes em Toledo, um que lhe explicou em castelhano uma pretensa vida de D. Quixote. A anedota exprime bem o ambiente cosmopolita das

cidades ibéricas; Lisboa vinha à cabeça, com Sevilha, Toledo, e muito mais que Madrid, como mostra a lenda ou verdade do escravo Jau que esmolou para CAMÕES porque a *tença* oficial mal dava para se alimentar e vestir. Seria um sugestivo estudo o da presença e da actividade das «muitas e desvairadas gentes» que, na Península como no mundo ibérico, se dedicavam tanto ao negócio como a profissões intelectuais.

CAMÕES conhecia os geógrafos e cosmógrafos medievais, que escreveram em latim, a versão latina também do *Almagesto*, embora feita sobre a adaptação árabe de PTOLOMEU. Houve algumas tentativas cristãs de Geografia universal, como a *Imago Mundi* (1410), belo título da obra de PIERRE D'AILLY ou PEDRO ALÍACO, e um espantoso alargamento do mundo muçulmano — não menos notável do que os descobrimentos marítimos e mais difícil de realizar por penosas viagens terrestres, incluindo a travessia de desertos tórridos e frios. Os grandes viajantes e geógrafos árabes, alguns de notável envergadura científica, como EDRICÍ (século XII) e IBNE BATUTA (século XIV), que nenhum viajante ocidental superou, colocaram a Geografia medieval no seu ponto mais elevado. Apenas MARCO POLO (ou PAULO, à portuguesa) (século XIII) revelou, no *Livro das Maravilhas do Mundo*, o rico e complexo mundo chinês, seus confins e dependências; foi talvez o maior viajante terrestre de todos os tempos, percorrendo desde a Síria, Bagdade, Ormuz e Pérsia, até aos mais recuados e inacessíveis lugares da Ásia Central, exerceu no Celeste Império altos cargos na corte e visitou as franjas marítimas do mundo oriental. Escritor talentoso e imaginativo, o seu livro foi cedo traduzido para português e publicado em Lisboa (1505), pelo famoso impressor e autor VALENTIM FERNANDES de Morávia, a quem a Geografia quinhentista deve alguns textos fundamentais; aliás, desde os meados do século XV, sabe-se que corriam entre gente ligada aos Descobrimientos cópias manuscritas. Este livro aliciante revelou à Europa todo o poder, riqueza e prestígio do Oriente, que só três séculos depois Vasco da Gama havia de alcançar.

SIGNIFICADO DA VIAGEM DO GAMA

Por isso, mais do que pelas viagens de Colombo, que pensou chegar à Índia e nessa ilusão morreu, a viagem de Vasco da Gama, pondo em contacto as duas grandes civilizações locais, o Oci-

dente e o Oriente, marca o começo de uma história verdadeiramente universal — pois a América pré-colombina ou nos revela mundos rudimentares ou cerrados sobre si mesmos, incapazes de uma civilização extensa. TOYNBEE diz que ela inicia o período moderno, em que a história se dilata praticamente a toda a Terra.

CAMÕES não teve conhecimento da descoberta do caminho da África oriental pelos chineses, que, com o seu imenso fluxo demográfico e invenções de novas técnicas, podiam ter trazido à Europa não só milhões de colonos como invenções mais antigas e mais completas do que as europeias (papel para vários fins, imprensa, bússola — simples agulha suspensa de um fio de seda —, pólvora, que os europeus e muçulmanos logo aplicaram à guerra na terra e no mar e os chineses a festejos e regozijos — os foguetes vieram-nos de Macau). Estas navegações, pouco anteriores e contemporâneas das primeiras viagens do Infante D. Henrique, podiam, se não fossem julgadas pelos mandarins de Cantão dispendiosas e com pouco interesse prático, ter tomado ao invés o Cabo da Boa Esperança (não parece terem ultrapassado Mombaça). Até ao contacto com os portugueses, a China e o seu ramo japonês de civilização puderam viver séculos de esplêndido isolamento. Assim, dividido o mundo a descobrir pelos dois estados ibéricos, a eles, e só a eles, caberá conduzir a história até caminhos que outros povos não haviam percorrido. Por pouco tempo, pois as grandes nações marítimas da Europa lhes seguirão na esteira.

Nascida na aurora do pensamento científico grego, a Geografia desenvolveu-se em todas as épocas de alargamento do mundo conhecido e em cada surto do espírito humano. A das grandes descobertas ibéricas, que coincidem com a Renascença da cultura da Antiguidade, tornou o Mundo pela primeira vez universal ou quase; as incógnitas que a Geografia grega tinha deixado em aberto — existência de antípodas, mares como lagos no meio de continentes que cobriam a máxima extensão da Terra ou, pelo contrário, continentes formando ilhas no oceano universal — foram pela primeira vez resolvidas. A enorme autoridade de que gozavam os geógrafos antigos contrapunham os navegadores, e aqueles que sistematizavam a seus resultados, observações inteiramente novas e reflexões nunca suspeitadas. DUARTE PACHECO, D. JOÃO DE CASTRO, PEDRO NUNES e CAMÕES insistem nisso vigorosamente.

As citações de geógrafos são estranhamente reduzidas num poeta que possuía tão «grave e honesto estudo». Salvo erro ou omissão (não sou especialista de *Os Lusíadas*, que conheço apenas por tê-los estudado e explicado no ensino secundário), CAMÕES — talvez por aquilo a que ENTWISTLE chamou a sua «discrição clássica», comparada a todos os poemas mais fãrfalhudos da mesma época — cita apenas geógrafos gregos e romanos. Só na boca de Adamastor põe os nomes deles:

«Eu sou aquele oculto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentório,
Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,
Plínio e quantos passaram fui notório.
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontório.
Que pera o Pólo Antártico se estende,
A quem vossa ousadia tanto ofende.»

V, 10.

São lembrados os mais afamados geógrafos gregos e romanos. A sua principal fonte foi PTOLOMEU e dela tirou a «máquina do Mundo». «Do sistema ptolomaico não há em língua nenhuma tão grandioso e belo resumo como a descrição que nos deixou a lira de CAMÕES» (LUCIANO PEREIRA DA SILVA). Isto mostra não só o conhecimento profundo dele mas uma adesão intelectual sem reservas. O que expôs de modo tão perfeito era uma convicção profunda.

«Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e elemental, que fabricada
Assi foi do Saber, alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superfície tão limada
É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.»

X, 80.

Os dois últimos versos mostram que CAMÕES não tinha nenhuma propensão para a metafísica e renunciava ao conhecimento de Deus pela razão. A aproximar do *Quod Nihil Scitur* do filósofo e médico FRANCISCO SANCHES, verdadeiro europeu pela cultura e pelos estudos que fez em França e em Roma, naquele país ensinando nas duas Universidades mais reputadas, que só se não pode considerar precursor de BACON e de DESCARTES por estes não terem conhecido as suas obras inéditas, mas se insere no grande movimento filosófico da «razão e experiência», «indução» em BACON, «dúvida sistemática» em DESCARTES. CAMÕES, pouco propenso à especulação filosófica, insere-se numa corrente de pensamento que só depois se generalizou; antes do que precursor, as suas raízes mergulham num terreno comum, propício a receber novas sementeiras.

HERCULANO, no genial poema *Deus*, elevou-se também a alturas gœthianas, tão raras na criação poética portuguesa (sendo justo lembrar alguns dos mais belos e profundos sonetos de ANTERO):

«Antes de tempo haver,
Quando o Infinito media a Eternidade
E só do vácuo as solidões enchia
De Deus a imensidade,
Ele existia em sua essência envolto
E fora dele o nada.»

Versos admiráveis que exprimem antes uma fé profunda de que qualquer atitude filosófica.

CAMÕES tinha uma perfeita noção da Geografia do seu tempo, da Terra conhecida e das suas partes, possuía dotes e expressão de observador. Era um homem universal do Renascimento, admirável espécime da ampla vida do espírito de que HUMBOLDT e GËTHER foram os derradeiros representantes. Sabedor da mitologia clássica, conhecedor profundo da História de Portugal tanto na Europa como nos Descobrimientos, naturalista tanto quanto o podia ser um observador escrupuloso e arguto, antes dos grandes sistemas só elaborados a partir da segunda metade do século XVIII, *sensível* à pujante natureza tropical e atraído pelo encanto das mulheres de cor, o mundo das ideias de CAMÕES conta-se entre os mais vastos do seu tempo.

É lícito, contudo, procurar as fontes mais remotas de CAMÕES, numa época em que as descobertas suscitavam a aparição de inúmeros escritos geográficos. Não está nos meus recursos nem processos esta comparação de fontes.

HUMBOLDT sugeriu como inspiração de *Os Lusíadas* a visão dantesca do mundo (profecia de Tétis). Mas o mundo de DANTE era restrito à Europa e ao Mediterrâneo, e CAMÕES deu-lhe dimensão universal (Canto III). «Todas as partes do mundo são descritas (não esquecendo os hiperbóreos da Europa), todas são passadas em revista, sendo até nomeadas as Terras de Santa Cruz (Brasil) e as costas descobertas por Magalhães» (HUMBOLDT). Como é sabido, empreendeu a primeira circumnavegação do Globo ao serviço da Espanha, acabando ingloriamente às mãos de indígenas filipinos, terminando El Cano a viagem; empreendida por espanhóis, os pilotos das caravelas eram todos experimentados navegadores portugueses. Pela primeira vez os dois povos peninsulares (1519) demonstraram a comunicação de todos os mares, resolvendo, de maneira prática e insofismável, o enigma da geografia grega da comunicação de todos os mares.

No tempo de CAMÕES, PEDRO NUNES, professor da Universidade (ainda em Lisboa), foi cosmógrafo de D. João II e elevado a cosmógrafo-mor em 1547. Mas o seu famoso *Tratado da Esfera*, de que ele se serviu, é, como se diria hoje, uma obra de Geografia matemática e não uma descrição sistemática do mundo descoberto e desconhecido. Entusiasmado com a descoberta das Antilhas, do istmo entre as duas Américas e da imensidade do *Mar do Sul* que dele se avistava, o espanhol MARTÍN FERNÁNDEZ DEL ENCISO escreveu a *Summa de Geographia que trata de todas las partidas e provincias del Mundo, en especial de las Indias*, publicada em Sevilha em 1519, «que foi considerado o primeiro manual espanhol de Geografia geral e em que se dá notícia do Novo Mundo, que ele conheceu directamente» (ARMANDO MELON). A obra divide-se em duas partes: uma Geografia astronómica e um manual náutico, particularmente importante no que se refere às fachadas costeiras (HORÁCIO CAPEL). Mas falta neste roteiro a notícia da América do Sul, do seu afileamento e da passagem do Sudoeste, que Magalhães havia de descobrir no ano em que aquela obra foi publicada, da África e das terras e mares do Oriente, ainda em parte por descobrir. A procurar-lhe um paralelo na história da Geografia portuguesa, ele estará no *Esmeraldo* (1505), primeira

descrição moderna do Mundo, consequência da descoberta do caminho marítimo para a Índia e do pouso «tão conveniente à navegação de Calecute». Mas, sem a viagem de circumnavegação, DUARTE PACHECO PEREIRA, que certamente conheceu o Brasil antes do «achamento» oficial em 1500, viu no Oceano Atlântico um mar com duas margens, navegou no Índico cerrado pelo estreito de Malaca e pela Insulíndia e conclui a famosa questão da Geografia grega por aquilo que os Antigos recomendam que se creia: a continuidade de todas as terras firmes na qual os Oceanos seriam imensos lagos. É a própria experiência, «que toda a dúvida nos tira», que o leva a tão estranha conclusão. A obra de FERNÁNDEZ DEL ENCISO segue também as ideias de PTOLOMEU que CAMÕES aceitou e divulgou, mas não é, nem podia ser naquela data, uma Geografia completa do mundo. Por isso continuamos a pensar que a parte principal da Geografia dos *Lusíadas* fosse a obra perdida e muito mais completa de JOÃO DE BARROS. A *Summa de Geographia* antecede esta de cerca de 20 anos, e mais ainda a *Cosmographia* de SEBASTIAN MÜNSTER (1544), que passa por ser a mais antiga descrição do mundo conhecido. Mas os escritos ibéricos acompanham de perto o desenvolvimento das viagens portuguesas e espanholas e a hora da síntese só viria depois de fechado o seu ciclo. Não é raro que na história do pensamento científico «a descoberta» anteceda a constituição do sistema que ela tornou possível.

Fazendo anteceder a Geografia de BARROS à *Cosmographia* de MÜNSTER, não se pretende de modo algum diminuir o mérito desta, pois a obra de BARROS, inédita e com tão poucas cópias manuscritas que se não salvou nenhuma, dificilmente podia ter sido conhecida do geógrafo alemão. Os povos navegadores da Europa média seguiam de perto as notícias das navegações ibéricas, até que as imitaram e superaram cerca de meio século depois. Exemplo do cuidado em informar-se está no primeiro mapa-mundi, na invenção de um sistema de projecção particularmente favorável à navegação pelo flamengo MERCATOR, pois a linha de rumo do navio é sempre representada por segmento de recta, o que facilita o seu traçado (loxodromia). Deve-se-lhe um mapa-mundi em figura de coração (1538), um mapa da Europa (1554) e especialmente um mapa marítimo (1559). De MERCATOR ainda, e segundo a sua projecção de latitudes crescentes, a obra póstuma: *Atlas sive cosmographiae meditatae fabrica mundi* (1595). Esta deslocação do centro da Geografia e da Cosmografia para

a Flandres, a Holanda e a Alemanha não deve fazer esquecer o notável contributo dos geógrafos e cartógrafos ibéricos, hoje especialmente fácil de estudar graças aos *Portugaliae Monumenta Cartographica*, começados a publicar como quinta comemoração do centenário da morte do Infante D. Henrique (1960). Os cartógrafos ibéricos, principalmente de Portugal e da Catalunha, têm sido estudados mais em si do que na influência exercida na cartografia flamengo-holandesa. Assunto de grande importância para a história da Geografia que não é possível ser tratado aqui...

CAMÕES não foi unicamente poeta, mas também homem universal do Renascimento, com uma cultura humanista de base, alargada por leituras como por viagens que realizou: de Marrocos, onde perdeu um olho em combate, ao Índico e a Macau, onde ocupou o lugar modesto de «provedor dos defuntos e ausentes», à passagem pelo Cabo da Boa Esperança, que dobrou duas vezes, e pela costa oriental da África; essas derrotas e estadas no Oriente deram-lhe uma experiência de viajante que nenhum poeta do seu tempo conheceu. Descreve minuciosamente o que viu, mas informou-se também com cuidado dos «hiperbórios», que directamente não parece ter frequentado. «Com a alma em pedaços repartida» pelo mundo, tendo naufragado na foz do Mecon e salvo a nado *Os Lusíadas*, aí viu afogar-se a doce Dinamene, moça chinesa a cujos favores «vinha muito obrigado», amando em Goa uma «Bárbara escrava» negra, a quem compôs sentidas «Endechas». Encontrando-se com mulheres de cor, é bem um português do seu tempo, cantor da epopeia da sua raça. Imaginou uma pausa de descanso no regresso do Gama: a Ilha dos Amores, que DAVID LOPES considerou inspirada num conto árabe, sentindo apenas os aromas da especiaria, e o valor comercial, sem se preocupar com a flora exótica dos países que visitou, como notou HUMBOLDT. O CONDE DE FICALHO, num estudo que é modelo de método, mostrou que toda a flora da ilha onde o levou a generosa recompensa de Tétis no repouso e no amor é mediterrânea, como a merecida antecipação da pátria ainda distante.

A DESCRIÇÃO GEOGRÁFICA DE «OS LUSIADAS»

Tétis, como coroamento da amável acolhida na Ilha dos Amores, faz ao mesmo tempo uma descrição do mundo e uma profecia dos destinos portugueses no Oriente:

«O transunto, reduzido
Em pequeno volume, aqui te dou
Do Mundo aos olhos teus, pera que vejas
Por onde vás e irás e o que desejas.

X, 79.

Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e elemental, que fabricada
Assi foi do Saber, alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superfície tão limada,
É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.

X, 80.

Este orbe que, primeiro, vai cercando
Os outros mais pequenos que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando
Que a vista cega e a mente vil também,
Empíreo se nomeia, onde logrando
Puras almas estão daquele Bem
Tamanho, que ele só se entende e alcança,
De quem não há no mundo semelhança.»

X, 81.

Mas desçamos deste universo essencial e metafísico para o globo terrestre, do que HUMBOLDT chamaria a parte «uranológica» do Cosmos, à sua parte «telúrica», inteiramente descrita, e de que apenas posso dar alguns excertos para mostrar como CAMÕES possuía um dos primeiros requisitos do geógrafo: o sentido da localização;

mais ainda o sentido da precedência dos lugares sobre o decurso da história.

«Além disso, o que a tudo enfim me obriga
É não poder mentir no que disser,
Porque de feitos tais, por mais que diga,
Mais me há-de ficar inda por dizer.
Mas, porque nisto a ordem leve e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Depois direi da sanguinosa guerra.

III, 5.

Entre a Zona que o Cancro senhoreia,
Meta Setentrional do Sol luzente,
E aquela que por fria se arreceia
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodeia,
Pela parte do Aroturo e do Ocidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E, pela Austral, o Mar Mediterraneo.»

III, 6.

Em Melinde, o Gama facilmente encontrou um piloto, provavelmente guzerate, para quem a travessia do Índico não tinha segredos e guiou a armada com competência e lealdade. Chegaram a Calecute com as trovoadas e chuvas diluviais do início da Monção — espectáculo inteiramente novo para os já experientes navegadores portugueses. Ao Samorim, desapontado pela exiguidade dos presentes, o Gama contará o que é a Europa e a grandeza do país donde provinha; faz um resumo completo da história de Portugal — como ela então se entendia: os altos feitos dos heróis.

«Outras palavras tais lhe respondia
O Capitão, e logo, as velas dando,
Pera as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo há já que vai buscando.
No piloto que leva não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa; e assi caminha
Já mais seguro do que dantes vinha.

VI, 5.

As ondas navegavam do Oriente,
 Já nos mares da Índia, e exergavam
 Os tálamos do Sol, que nace ardente;
 Já quasi seus desejos se acabavam;
 Mas o mau de Tioneu, que na alma sente
 As aventuras que então se aparelhavam
 À gente Lusitana, delas dina,
 Arde, morre, blasfema e desatina.»

VI, 6.

São as maquinações de Baco, símbolo da opposição turca e das intrigas de outros muçulmanos.

Terras, rios, mares, estreitos e povos são minuciosamente descritos, desde a «Lápia fria» até à «clara Grécia» com que

«o Céu penetras,
 E não menos por armas, que por letras.»

VI, 13.

Esta enumeração, por vezes enfadonha, mostra um conhecimento claro e minucioso da Geografia da Europa, para o qual CAMÕES certamente tinha informações geográficas e cartográficas notavelmente exactas. Mas CAMÕES segue em ordem lógica, pela zona terrestre, pela parte do mundo, pela Península até chegar naturalmente a Portugal.

A posição da «nobre Espanha» (Península Ibérica) é descrita com toda a minúcia.

«Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
 Como cabeça ali de Europa toda,
 Em cujo senhorio e glória estranha
 Muitas voltas tem dado a fatal roda;
 Mas nunca poderá, com força ou manha,
 A Fortuna inquieta pôr-lhe noda
 Que lha não tire o esforço e ousadia
 Dos belicosos peitos que em si cria.

III, 17.

Com Tingitânia entesta; e ali parece
 Que quer fechar o Mar Mediterraneo
 Onde o sabido Estreito se ennobrece
 Co extremo trabalho do Tebano.
 Com nações diferentes se engrandece,
 Cercadas com as ondas do Oceano;
 Todas de tal nobreza e tal valor
 Que qualquer delas cuida que é melhor.»

III, 18.

Depois de enumerar a grandeza das suas nações, povos e cidades, passa naturalmente a Portugal, aludindo à sua viagem e celebridade, que voltará a desenvolver em longa narrativa histórica.

«Eis aqui, quasi cume da cabeça
 De Europa toda, o Reino Lusitano,
 Onde a terra se acaba e o mar começa
 E onde Febo repousa no Oceano.
 Este quis o Céu justo que florega
 Nas armas contra o torpe Mauritano,
 Deitando-o de si fora; e lá na ardente
 África estar quieto o não consente.

III, 20.

Esta é a ditosa pátria minha amada,
 A qual se o Céu me dá que eu sem perigo
 Torne, com esta empresa já acabada,
 Acabe-se esta luz ali comigo.
 Esta foi Lusitânia, derivada
 De Luso ou Lisa, que de Baco antigo
 Filhos foram, parece, ou companheiros,
 E nela antão os incolos primeiros.»

III, 21.

Esta estranha posição cimeira escapou a comentadores sagazes como EPIPHANIO e LEITE DE VASCONCELLOS, que se limitam a explicar o latinismo *quase cume* por *como cume* e que eu creio ter sido o primeiro a interpretar correctamente, lembrando que até ao sé-

culo XVII os mapas eram muitas vezes orientados com o oeste para cima; pois nos mapas orientados para o norte a «cabeça» seria a Escandinávia e o «cume» a Lapónia. (*Finisterra*, 12, 1971). Assim ainda o mais antigo mapa de Portugal conhecido, de ÁLVARO SECO, impresso em Roma em 1560, avivado a aguarela nas fronteiras, limites de «comarcas» (equivalentes *plus minus* às províncias tradicionais) e praças fortes, além dos contornos geométricos do título e das explicações — tudo em latim.

Talvez pela patriótica rivalidade despertada com o descobrimento do caminho marítimo para a Índia, um único estado italiano merece rápida menção.

«A soberba Veneza está no meio
Das águas, — que tão baixa começou.»

III, 14.

Nascendo e desenvolvendo-se pela coalescência de ilhas, por grandes estuários e aterros, ainda assim multiplicando as pontes sobre os canais, vias de trânsito mais directas e importantes que as ruas, que fazem dela, com seus tesouros artísticos, tradição musical e folgedos carnavalescos que duravam quase metade do ano, uma cidade única no mundo.

A VEGETAÇÃO DE «OS LUSÍADAS» E O COMÉRCIO DAS ESPÉCIES

HUMBOLDT, criador da geografia das plantas, que notara sagazmente que a vegetação era o principal indicativo da paisagem para situá-la no Globo — pois as rochas são as mesmas do Equador aos Pólos e a cobertura vegetal permite-nos, à primeira vista, o sentimento da posição em latitude —, escreveu o seguinte:

«Se louvei Camões principalmente como pintor marítimo foi para significar que a vida terrestre o tinha atraído menos intensamente. Já Sismondi nota, com razão, que o poema inteiro não contém vestígio de qualquer observação sobre a vegetação tropical e o seu aspecto fisionómico. São apenas mencionados os perfumes e produtos comerciais úteis. O episódio da ilha encantada oferece sem dúvida a mais deliciosa pintura duma paisagem; mas a vegetação

é formada, como exige uma ilha de Vénus, de «mirtos, cidreiras, limões odoríferos e romãs»: tudo próprio do clima da Europa do Sul. No maior dos navegadores marítimos de então, Cristóvão Colombo, encontramos mais gosto pelos bosques das costas, mais interesse pelas formas do reino vegetal; mas Colombo escreve um roteiro, e nota nele as impressões vivas de cada dia, enquanto a epopeia de Camões glorifica os grandes feitos dos portugueses. Pedir às línguas dos indígenas nomes de plantas e introduzi-los na descrição duma paisagem onde, como sobre um fundo de quadro, se movessem os personagens, pouco podia tentar o poeta habituado a sons harmoniosos».

Principalmente pintor do mar e do céu que o cobre e agita, CAMÕES não foi sensível à beleza das matas tropicais. A floresta amazónica foi primeiro descrita pelo próprio HUMBOLDT, que navegou nos intermináveis braços entre o Amazonas e o Orenoco, inspirou, com grande elevação, EUCLIDES DA CUNHA, conhecido sobretudo como autor de *Os Sertões* (a Amazônia é «a última página, ainda por escrever, do Génesis»), FERREIRA DE CASTRO na *Selva*, talvez o livro em língua portuguesa mais traduzido, e o admirável poema sinfónico que lhe consagrou VILLA LOBOS, vigoroso, original e profundo como a espessura da mata que evoca no seu mundo de sons elevados aos últimos recursos das possibilidades musicais

Um estudo minucioso da *Flora dos Lusíadas* (1880) foi feito pelo CONDE DE FICALHO, notável tanto como botânico como historiador. (1) Vale a pena condensar os resultados a que chegou.

CAMÕES utilizou em *Os Lusíadas* o que se sabia no seu tempo, que ele conhecia por «uma poderosa erudição e uma instrução científica completa». Como espírito da Renascença, conheceu a fundo e discutiu teoricamente os grandes nomes da arte e do pensamento da Antiguidade; os naturalistas são seguidos sem que a natureza seja observada. As grandes navegações ibéricas porém encontram «terras que ESTRABÃO não enumera, plantas que DIOSCÓRIDES não descrevera, animais que PLÍNIO não conhecera». Um mundo novo se desvenda aos olhos atentos e maravilhados dos homens de estudo.

(1) Citam-se apenas a *Memória sobre a Malagueta e Viagens de Pero da Covilhã*, obra do maior rigor histórico, que se lê como um romance: fundamental para o conhecimento do ambiente da época.

«E não são só os livros dos grandes especialistas, como PEDRO NUNES ou GARCIA DE ORTA, que nos demonstram a cultura científica daquele tempo. Esses não podem dar a medida da instrução geral. São os livros dos homens de letras, dos historiadores que, como JOÃO DE BARROS, se mostram versados nas ciências físicas e cosmo-gráficas, e atentos observadores dos fenómenos naturais. Os grandes capitães, os homens de acção são notavelmente instruídos. Dos heróis das guerras indianas, dos que mais pura memória deixaram de si, dois valentes entre os valentes, DUARTE PACHECO e D. JOÃO DE CASTRO, foram dois homens de ciência na mais larga, e mais genuína acepção da palavra. Atestam-o o *Esmeraldo* e os *Roteiros*.»

A epopeia de CAMÕES será uma síntese não só de feitos heróicos mas de «noções científicas que se haviam obtido em cem anos de descobrimentos... E com razão, porque faziam parte da glória da pátria». Mas faltam, por exemplo, e como já fora notado, os nomes bárbaros de plantas exóticas, não porque repugnavam ao ouvido mas porque na Renascença, principalmente entre os povos latinos, ainda não se desenvolvera o sentimento da natureza, e, à parte a predilecção de CAMÕES pelo mar, própria de um português e de um navegador, são raras as descrições da natureza em geral.

Creio que o CONDE DE FICALHO exagera. Basta citar a *História Natural das Índias* de OVIEDO ou as *Notícias do Brasil* de GABRIEL SOARES DE SOUSA, é certo que posteriores de algumas dezenas de anos a *Os Lusíadas*, para encontrar descrições cheias de originalidade, colorido... e exactidão. Ele próprio reconhece que «é mui rica, quase completa esta flora tropical do poema. Poucas são as plantas, célebres pelos seus produtos, que CAMÕES deixa de mencionar.»

O mouro Monçaide dá um rápida impressão das riquezas do Oriente, que, em Calecute, Vasco da Gama enumera:

«Sabei que estais na Índia, onde se estende
Diverso povo, rico e prosperado
De ouro luzente e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.»

VII, 31.

«Leva alguns Malabares, que tomou
Per força, dos que o Samorim mandara
Quando os presos feitores lhe tornou;
Leva pimenta ardente, que comprara;
A seca flor de Banda não ficou;
A noz e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co a canela
Com que Ceilão é rica, ilustre e bela.»

IX, 14.

No canto X, «seguramente aquele em que CAMÕES mais acentuou a posição científica da sua obra», não se encontram descrições da natureza tropical mas apenas «uma relação de ricos produtos e custosas especiarias».

Assim como CAMÕES se serviu de BARROS na parte histórica, o seu informador da especiaria oriental é GARCIA DE ORTA, cujos *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia* foram impressos em Goa em 1563, o que só por si demonstra a existência de um escol intelectual na capital do vice-reinado. CAMÕES dirigiu uma «Ode ao Conde de Redondo», então Vice-Rei, solicitando a sua alta protecção para que o volume se imprimisse (o que claramente indica que dele tivera largo conhecimento em manuscrito; a aproximar da nossa hipótese de que CAMÕES pôde utilizar largamente a *Geographia* de BARROS, nunca publicada).

Favorecei a antiga
Ciência que já Aquiles estimou;
Olhai que vos obriga
O ver qu'em vosso tempo rebentou
O fruto daquele Orta onde florecem
Plantas novas, que os doutos não conhecem.

Olhai qu'em vossos anos
Uma Orta produz várias ervas
Nos campos Indianos,
As quais aquelas doudas e protervas,
Medéa e Circe, nunca conheceram,
Posto que a lei da Mágica excederam,

E vede carregado
 D'anos e traz a vária experiência
 Um velho, qu'ensinado
 Das Gangéticas Musas na ciência
 Podaliria subtil, e arte silvestre,
 Vence ao velho Chiron, d'Aquiles mestre.

O qual está pedindo
 Vosso favor e amparo ao grão volume,
 Qu'impreso à luz saindo,
 Dará da Medicina um vivo lume;
 E descobrir-nos-á segredos certos,
 A todos os antigos encobertos.

*Ode a D. Francisco Coutinho, Conde
 de Redondo, vice-rei da Índia*

Para o CONDE DE FICALHO há em *Os Lusíadas* uma *flora poética* que aparece em comparações, uma *flora tropical* e a da Ilha dos Amores. Vejamos exemplos da primeira.

«Qual Austro fero, ou Bóreas na espessura,
 De silvestre arvoredo abastecida,
 Rompendo os ramos vão da mata escura,
 Com ímpeto e braveza desmedida;
 Brama toda a montanha, o som murmura,
 Rompem-se as folhas, ferve a ferra erguida
 Tal andava o tumulto levantado,
 Entre os deuses no Olímpio consagrado.»

I, 35.

«Quantos montes, então, que derribaram
 As ondas que batiam denodadas!
 Quantas árvores velhas arrancaram
 Do vento bravo as fúrias indinadas!
 As forçosas raízes não cuidaram
 Que nunca pera o céu fossem viradas.»

VI, 79.

«Bem como quando a flama, que ateadada
 Foi nos áridos campos (assoprando
 O sibilante Bóreas), animada
 Co vento, o seco mato vai queimando;»

III, 49.

O CONDE DE FICALHO comenta judiciosamente: «O Poeta de-certo se recordou, nesta descrição, das queimadas, que havia visto nas charneças da Beira e do Alentejo, ou talvez nos campos de Ceuta e de Tetuão, onde árabes e cabilas usam muito fazê-las».

As plantas mediterrâneas aparecem com frequência em simples alusões, «comparações ou figuras buscadas no meio vegetal», ou reminiscências clássicas e mitológicas que o CONDE DE FICALHO conseguiu indetificar.

É a sua principal cultura que caracteriza o Alentejo.

«E vós também, ó terras Transtaganas,
 Afamadas co dom da flava Ceres,»

III, 62.

Situa a batalha de Aljubarrota pela alusão às fainas agrícolas e à maturação das uvas:

«Era no seco tempo que nas eiras
 Ceres o fruto deixa aos lavradores;
 Entra em Astreia o Sol, no mês de Agosto;
 Baco das uvas tira o doce mosto.»

IV, 27.

A flora poética reduz-se apenas a onze plantas que se podem identificar com segurança. São todas espontâneas de Portugal ou aí cultivadas de longa data: «O poeta não buscou uma única comparação com a flora oriental», não porque a desconhecesse, mas porque procura evocar nos leitores apenas as plantas que lhe sejam familiares.

A Ilha dos Amores, recompensa que os deuses concederam aos ousados e fatigados navegantes, é uma aprazível pausa na derrota, como uma antecipação da pátria ainda distante. A sua identificação, tentada por vários comentadores, é impossível e até absurda, pois se trata de um lugar idílico e imaginário⁽¹⁾. Já vimos que DAVID LOPES encontrou paralelos num conto árabe — o que não é de admirar, porque todos os mais antigos navegadores do Atlântico o semearam de ilhas fantásticas, a ponto de num mapa italiano do século XIV figurar uma *ixola autêntica* na Madeira ou nos Açores. A feição mediterrânea da Ilha dos Amores está perfeitamente de acordo com a intenção que o poeta lhe quis dar. Alguns procuraram em vão vestígios de plantas tropicais. Espécies do género *Citrus*, originárias do Oriente e propagadas pelos árabes ao longo das costas africanas, nada provam, porque elas tinham também sido introduzidas na Península Ibérica (só a variedade da laranja doce veio da China, provavelmente por Macau, e foi difundida a partir de Portugal no mundo mediterrâneo, como o mostra o seu nome, derivado deste, tanto em italiano, grego e romeno como em árabe e línguas do Levante).

«Em resumo, das vinte e quatro plantas de que, na descrição de Camões, se compõe a flora da ilha, não há *uma* que não seja espontânea em Portugal e regiões vizinhas, ou aí introduzida e cultivada já antes do seu termo⁽²⁾. Ainda mais, são todas escolhidas entre as vulgares, e que dão o cunho à vegetação mediterrânica. As citações de nomes gregos, que expressamente procurei, não só nos livros botânicos, mas nos poetas e entre estes nos mais antigos, põe em evidência o tipo clássico desta Flora.»

«O quadro é completo e perfeito. Estamos na região do mar interior, que inclui no extremo ocidental Portugal e a Espanha, abraça a Itália, envolve a Grécia, e as costas da Síria e vem de novo fechar ao ocidente na África do Norte. Estamos no berço das civili-

(1) A. C. BORGES DE FIGUEIREDO, *A Geografia dos Lusíadas*, considerara a Ilha dos Amores uma ficção e vã a tentativa de identificá-la com Santa Helena ou qualquer outra ilha do Atlântico Sul.

(2) De notar a falta de referência à associação do milho/feijão/abóbora, introduzida das Antilhas pelos espanhóis, difundida em Portugal no primeiro quartel do século XVI (a espiga figura largamente na arte manuelina) e em plena expansão no Norte atlântico no tempo de CAMÕES. Uma vez mais a representação plástica é atestada apenas em textos tardios (O. R.).

zações; na pátria dos grandes poetas, de Camões e de Virgílio, de Homero e de Teócrito.»

«Os materiais botânicos com que Camões edifica a vegetação da sua ilha, são essencialmente portugueses; encontrou-os, quando estudante, nas hortas das margens do Mondego; observou-os, quando desterrado, nas lezírias do Tejo; porventura lhos depararam, fora da pátria, os jardins de algum fértil vale dos arredores de Ceuta ou des Tetuão.»

«As recordações da sua terra natal junta-se, porém, como vimos, outro importantíssimo elemento. A flora da ilha é ainda mais clássica que lusitânica. Procede mais da leitura dos poetas que da observação da natureza. É certo mesmo que Camões não identificava algumas das suas plantas com as espécies reais, nem sabia se habitavam no seu país; citava-as como pura reminiscência das suas vastas leituras.»

Com uma erudição clássica que era ainda comum nos naturalistas do seu tempo, o CONDE DE FICALHO procura paralelos em TEÓCRITO e em outros latinos, VERGÍLIO e OVÍDIO.

«Sem mais prosseguir em conhecidas citações, vê-se que estamos num país clássico, onde, como compete a uma ilha de Vénus, se conservam vivas as recordações de Hércules e de Apolo, de Adónis e de Narciso, de Atis e de Hiacinto.»

«O Poeta, por um gracioso esforço de imaginação, toma uma ilha mitológica, com todos os seus caracteres, e transporta-a das temperadas regiões do Mediterrâneo — da pátria da velha poesia, — para os mares do Oriente. Falseia premeditadamente todas as regras da geografia botânica, e coloca sob o sol ardente dos trópicos flores que ali murchariam em horas. Logo veremos se comete erros desta ordem quando fala das plantas reais.»

A África ocidental «é passada quase em silêncio»: menção da Madeira, «que do muito arvoredo assim se chama», e da esterilidade do Sáhara.

As especiarias da Guiné e Congo e o ouro da Mina foram ofuscados pelos do Oriente. Várias referências ao litoral africano e asiático do Oceano Índico — velas de palma entrançada, chamadas *olas* no português e no concaním de Goa (do malaiala segundo DALGADO) e que ainda se usam em navios indo-africanos e chineses e em esteiras

para dormir ou alcatifar as casas e pára-chuvas para protegerem as janelas do dilúvio da monção.

«As embarcações eram na maneira
Mui velozes, estreitas e compridas;
As velas com que vêm eram de esteira,
Duas folhas de palma, bem tecidas;»

I, 46.

Referem-se os tecidos de algodão, tintos de cores vivas, que o comércio europeu e oriental (desde o Japão à Austrália) tem substituído, confeccionando-os segundo os gostos dos padrões locais e desbancando os famosos «panos de Cambaia».

«De panos de algodão vinham vestidos,
De várias cores, brancos e listrados;
Uns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados;
Das cintas pera cima vêm despídos;
Por armas têm adagas e tarçados;
Com toucas na cabeça; e, navegando,
Anafis sonoros vão tocando.»

I, 47.

«E com pano delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavam;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada um as vergonhosas partes cinge.»»

V, 76.

CAMÕES refere algas e outras plantas marinhas que se agarravam ao costado das naus, limpas e reparadas na longa pausa na Ilha de Moçambique. Respigam-se mais notícias:

Lanças de paus aguçados e endurecidos pelo fogo, e setas ervadas

«..... quando as setas
Acertam de levar ervas secretas.»

A canela, que vinha, em importância, logo a seguir à pimenta e ao cravo

«..... com a canela
Com que Ceilão é rica, ilustre e bela.»

IX, 14.

Conhecida dos gregos antigos e dos hebreus, dela dão especial notícia TEOFRASTO, DIOSCÓRIDES e PLÍNIO. Aqui a erudição clássica junta-se à observação local. A de Ceilão faz larga referência ao sagaz geógrafo árabe IBNE BATUTA, assim como o veneziano NICOLÒ CONTI, que visitaram a famosa ilha. Notícias minuciosas da árvore e da maneira de colher a casca são dadas por DUARTE BARBOSA e, mais largamente, por GARCIA DE ORTA: «se sabe mais em um dia agora pelos portugueses do que se sabia em cem anos pelos romanos». Ainda hoje comum nos bazares orientais, muçulmanos e, por influência da expansão ibérica, nos mercados populares do Brasil e da América espanhola.

SÁ DE MIRANDA, que soube ver o trágico reverso da glória dos descobrimentos, adverte:

«Não me temo de Castela
Onde guerra inda não soa,
Mas temo-me de Lisboa,
Que ao cheiro desta canela
O reino nos despvoa.»

Carta ao Senhor de Basto

O incenso, também muito celebrado pelos antigos, presente dos reis magos e perfume da liturgia cristã.

Um grande e pesado madeiro (impossível de identificar), que ninguém conseguia remover e que São Tomé, apenas ajudado do cordão de monge, levou e arrastou para edificar «um sumptuoso templo». Lenda oriental, já recolhida, em 1348 ou 1349, por um frade minorita que visitou a cristandade indiana da côrte de Coromandel; meio século antes MARCO POLO narra-a da mesma maneira. Mas estas referências seriam desconhecidas de CAMÕES que seguiu o *Flos Sanctorum*.

É estranho que a rainha da espécie mereça a CAMÕES apenas duas breves referências

«Leva pimenta ardente, que comprara;»

IX, 14.

«Tenassari, Quedá, que é só cabeça
Das que pimenta ali têm produzido.»

X, 123.

Talvez a razão esteja na extrema vulgaridade, que o poeta evitou de propósito.

Conhecida no Ocidente desde a Antiguidade (TEOFRASTO dá relação de duas espécies e DIOSCÓRIDOS diz que vinha da Índia), consumida parcamente na Idade Média, onde se usava para temperar a carne nem sempre fresca e «experimentar» o vinho (só dos senhores), é largamente referida por GARCIA DE ORTA: descrição das várias espécies e regiões onde se criavam. Como F. BRAUDEL mostrou, o malogro do cerco de Adem por Albuquerque não conseguiu que as armadas portuguesas interceptassem o circuito tradicional (Djidá, onde atravessava o Mar Roxo e o deserto, descida do Nilo até Alexandria, transporte marítimo por Veneza, que a mandava para as famosas e opulentas feiras flamengas, quer por uma longa rota marítima, quer através dos passos dos Alpes até ao Reno, em que novamente seguia em barcos). A entrada em Antuérpia do primeiro navio português (provavelmente baldeado em Lisboa) foi um grande êxito comercial e motivo de aceras rivalidades e combates navais. É natural que o poeta omita os grandes portos exportadores da Costa do Malabar, mas fala de Quedá, além do Ganges e portanto muito longe de Goa, produzindo uma qualidade mais apreciada. Devido aos novos contactos marítimos, a «pimenta» que hoje em Goa condimenta o caril não é mais o fruto da árvore mas de um arbusto — a malagueta — com que os portugueses se contentaram quando descobriram, no litoral da Guiné, a Costa deste nome.

Referência ao betle e areca, mastigatório de um velho substrato indonésio, usado em toda a Índia e no mundo muçulmano próximo:

«Bem junto dele, um velho reverente,
Cos gíolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da erva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.
Um Brâmene, pessoa preminente,
Pera o Gama vem com passo brando,
Pera que ao grande Príncipe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.»

VII, 58.

No *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama* fala-se da erva chamada *atambur* (do árabe *tambul*) «que os homens desta terra comem pela calma».

Referência ao sândalo ou aloés:

«Vês, corre a costa que Champá se chama,
Cuja mata é do pau cheiroso ornada;»

X, 129.

Bem conhecida (a madeira, não porém a planta, na Idade Média), provinha do litoral e das ilhas além do Estreito de Malaca, terras habitadas por tribus insubmissas e cruéis («Cauchinchina de escura fama», diz CAMÕES).

Referência ao cravo:

«e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco»

IX, 14.

«Vê Tidore e Ternate, co fervente
Cume, que lança as flamas ondeadas.
As árvores verás do cravo ardente,
Co sangue Português inda compradas.»

X, 132.

onde se associam as chamas de um vulcão ao «ardor» da especiaria.

Na Idade Média é mercadoria cara e rara. O cravo, cravinho ou cravo da Índia, ocupava, com a canela, o segundo lugar nas especiarias, e tornou-se abundante quando Albuquerque, conquistando Malaca, mandou descobrir as Ilhas de Maluco, já para além do meridiano de Tordesilhas e por isso objecto de contestação com a Espanha, a que os nossos cartógrafos, num intuito patriótico mas pouco honesto, distorcem a posição. Nestas Ilhas das Espécies portuguesas e espanhóis à compita fecharam o primeiro circuito humano do Globo. «A menção das Ilhas de Tidore e Ternate como terras produtoras do cravo é da mais rigorosa exactidão» (CONDE DE FICALHO).

A noz moscada, produzida apenas nas seis pequenas ilhas de Banda e outras próximas. Duvidosas as referências da Antiguidade, não porém dos árabes, viajantes ou descobridores da matéria médica conhecida por *maça*, nome dado ao arilo que cobre a semente. Chegava aos mercados da Europa Média com outra especiaria, onde alcançava preços elevadíssimos; quando os portugueses começaram a frequentar este pequeno grupo de ilhas aparecem notícias sobre a planta, principalmente em GARCIA DA ORTA e BARROS; «o quadro que pinta da vegetação e aspecto de Banda, [é] um dos mais graciosos, que se nos deparam nas *Décadas*», seguido de perto por CAMÕES.

«Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltam
Da vária cor que pinta o roxo fruto;
As aves variadas, que ali saltam,
Da verde noz tomando seu tributo.
Olha também Bornéu, onde não faltam
Lágrimas no licor coalhado e enxuto
Das árvores, que cânfora é chamado,
Com que da Ilha o nome é celebrado.»

X, 133.

A cânfora foi tida em grande estima, já pelas propriedades farmacêuticas, já pelo perfume da madeira: todos os portugueses que iam a Macau costumavam trazer uma arca de cânfora, que se vendia a preço razoável nas lojas de Goa. Referências de MARCO POLO e nos *Colóquios*, onde se encontra «a distinção rigorosa entre as

duas cânforas, a da China e a de Bornéu, que valia 100 vezes mais». A mirra é descrita por CAMÕES como «lágrimas no licor coalhado e enxuto»; refere ainda o *benjoim*. O sândalo é duvidoso que chegasse à Europa, referido por MAÇUDÍ no século X; GARCIA DE ORTA distingue o *sândalo bravo* e *amarelo*, ou *citrino*, do *vermelho* não cheiroso e de menor valor, produzido por outra árvore.

«Ali também Timor, que o lenho manda
Sândalo, salúífero e cheiroso;
Olha a Sunda, tão larga que ãa banda
Esconde pera o Sul dificultoso;
A gente do Sertão, que as terras anda,
Um rio diz que tem miraculoso,
Que, por onde ele só, sem outro, vai,
Converte em pedra o pau que nele cai.

X, 134.

Vê naquela que o tempo tornou Ilha,
Que também flamas trémulas vapora,
A fonte que óleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licor que o tronco chora,
— Cheiroso, mais que quanto estila a filha
De Ciniras na Arábia, onde ela mora;
E vê que, tendo quanto as outras têm,
Branda seda e fino ouro dá também.

X, 135.

Olha, em Ceilão, que o monte se alevanta
Tanto que as nuvens passa ou a vista engana;
Os naturais o têm por cousa santa,
Pola pedra onde está a pegada humana.
Nas ilhas de Maldiva nace a pranta
No profundo das águas, soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
É tido por antídoto excelente.

X, 136.

Verás defronte estar do Roxo Estreito
 Socotorá, co amaro aloé famosa;
 Outras ilhas, no mar também sujeito
 A vós, na costa de África arenosa,
 Onde sai do cheiro mais perfeito
 A massa, ao mundo oculta e preciosa.
 De São Lourenço vê a Ilha afamada,
 Que Madagáscar é dalguns chamada.»

X, 137.

E, a modo de conclusão:

«Eis aqui as novas partes do Oriente
 Que vós outros agora ao mundo dais,
 Abrindo a porta ao vasto mar patente,
 Que com tão forte peito navegais.
 Mas é também razão que, no Ponente,
 Dum Lusitano um feito inda vejais,
 Que, de seu Rei mostrando-se agravado,
 Caminho há-de fazer nunca cuidado.»

X, 138.

A par com algumas lendas, CAMÕES teve conhecimento exacto (embora não directo) da Insulíndia e de Bornéu. Refere-se ao benjoim, de que IBNE BATUTA deu a primeira notícia e, pouco antes das viagens dos portugueses, vinha «à Europa pequena quantidade dele, com o estimado perfume». A primeira menção portuguesa figura no *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama* e merece uma larga referência a GARCIA DE ORTA. Pelo contrário, a mirra, produzida na Arábia e na margem africana do Mar Vermelho, já aparece na *Bíblia*. É o «cheiroso licor que o tronco chora» de *Os Lusíadas*, atrás citado. GARCIA DE ORTA, nunca tendo visto a árvore, dá desta «droga» descrição muito imperfeita. «CAMÕES, dando-lhe por pátria a Arábia é, como sempre, correctíssimo» (CONDE DE FICALHO).

A planta que nasce no profundo das águas, e é excelente antidoto contra o veneno, deu origem a várias lendas; o seu fruto, uma espécie de coco produzido nas Maldivas vinha, de facto, ao sabor das correntes, donde a crença de que se trata de uma planta sub-

marina. Descrita por IBNE BATUTA, que aí se demorou ano e meio, casando e sendo nomeado *cadí* ou alcaide, BARROS e outros autores portugueses enunciam-na; GARCIA DE ORTA, duvidoso da origem submarina, promete tirar o caso a limpo. Na Europa contavam-se os cocos em prata e ouro.

«Verás defronte estar do Roxo Estreito
 Socotorá, co amaro aloé famosa.»

X, 137.

dando celebridade a uma terra árida, que pouco produzia.

«Mas cá onde mais se alarga [o Atlântico], ali tereis
 Parte também, co pau vermelho nota.»

X, 140.

O «pau vermelho» é o *pau brasil*, produzido por espécies afins das do Oriente. Com a sua habitual precisão, CAMÕES localiza-o nas terras de Santa Cruz.

Conhecido na Itália desde 1193, na Hispânia desde 1121, o nome *brasil* é assim muito anterior à descoberta da Terra de Santa Cruz. Isso explica que na cartografia anterior aos descobrimentos apareça uma «Ilha Brasil». No *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama* diz-se que em Tanacar (provavelmente Tenacurim), há «muito bom brasil, o qual faz muito fino vermelho». A isso se deve, a despeito de uma longa exploração costeira feita por Cabral, a persistência da ideia de que o Brasil era uma ilha; e também talvez a analogia com as descobertas de Colombo, que esteve em várias Antilhas que supôs serem o Cipango ou Japão (sempre obcecados pela ideia de descobrir a Índia pelo Ocidente). Simples sugestões que mereciam investigação minuciosa e demorada.

GARCIA DE ORTA dá-lhe o velho nome de *brasil* e tem o cuidado de distingui-lo do *sândalo vermelho*. «Podemos afoitamente afirmar, depois deste exame, que o grande Poeta tinha sobre os vegetais do Oriente noções, que — para o seu tempo — eram, não só bastante extensas, como admiravelmente rigorosas.»

Se não faz nenhuma descrição das pujantes matas tropicais, caracteriza com um epíteto belo, sóbrio, enérgico e expressivo as numerosas plantas que refere. «Não há um sacrifício à medida ou

à rima, não há um epíteto vago; o escritor sabe sempre conciliar as exigências da forma poética, com a nitidez correcta de uma *diagnose*.»

Demorei-me na análise do livrinho do CONDE DE FICALHO, juntando-lhe observações e leituras pessoais, porque se trata de uma obra excelente, editada há um século e apenas acessível em algumas bibliotecas. A sua reedição impõe-se. A propósito da enumeração camoniana explicitam-se aspectos, tais como a origem, difusão, cultura e comércio do vasto conjunto da «speciaria», que importa aos geógrafos já pela definição de áreas de origem já pelos contactos de civilização e correntes intensas da vida económica que suscitaram.

REALISMO DE UM MITO

Criador de símbolos, evocador de mitos, CAMÕES possuía um espantoso realismo que procurarei demonstrar com o famoso episódio efabulado do gigante Adamastor.

«Porém já cinco Sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando,
Quando ãa noute, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Ûa nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.

Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo;
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo.
— «Ó Potestade (disse) sublimada:
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?

Não acabava, quando ãa figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esqualida;
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má e a cor terrena e pálida;
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

Tão grande era de membros que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rodes estranhíssimo Colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo.
Cum tom de voz nos fala, horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo.
Arrepiam-se as carnes e o cabelo,
A mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!

E disse: — «Ó gente ousada, mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas,
Pois os vedados términos quebrantas
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
Nunca arados d'estranho ou próprio lenho;»

V, 37-41.

Comento interpoladamente, pois é impossível transcrever todo o episódio. Apenas faço notar como a armada vogava confiante, que não há contradição entre os que estão «descuidados» (isto é, tranquilos e não negligentes) «na cortadora proa vigiando» — atentos como o marinheiro está sempre ao cariz do oceano e do céu donde lhe vêm tanto os ventos de feição como as perigosas borrascas; a alusão a quatro dos maiores geógrafos da Antiguidade (aqui CAMÕES transfere para o mito que criou a sua própria erudição) e o profundo realismo deste ser mitológico a que consegue dar a sugestão de uma existência «objectiva» e aterradora.

geiro, é tratado pouco menos que como um traidor, quando lhe coube coroar a epopeia da descoberta do mundo; e a sua viagem é mais que discretamente mencionada.

Recuando no tempo, não há nenhuma referência aos colaboradores italianos do Infante D. Henrique (Cadamosto, Usodimare, António da Noli), como tão-pouco à descoberta de Colombo, ao tratado de Tordesilhas que ela suscitou, a Américo Vespúcio que deu o nome à quarta parte do mundo (nem aparece menção da América).

Se a ameaça da união das duas coroas na cabeça de um rei espanhol, pela morte prematura do pai de D. Sebastião, os achaques de que este sofria e a dilação do casamento que daria um herdeiro ao trono português (duvida-se se as louvaminhas de CAMÕES ao «novo temor da maura lança» são sinceras, intencionais ou receosas) podem explicar a aversão a Castela e à sua gente, já a mesma razão se não pode invocar quanto aos italianos, cujos escritores CAMÕES admirava e imitava, a ponto de introduzir em *Os Lusíadas* o único verso que não está em português,

«E notarás no fim deste successo
Tra la spica e la man qual muro he messo»

IX, 78.

É tirado de um soneto de PETRARCA, a propósito de um dos navegadores que, na Ilha dos Amores, perseguia uma ninfa que se fazia esquiva por galantaria (aquelas ninfas sabiam bem do seu ofício).

Este patriotismo exacerbado aparece tanto no início como no fim da epopeia:

«Vereis amor da pátria, não movido
De prémio vil, mas alto e quase eterno;
Que não é prémio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.»

I, 10.

«Pera servir-vos, braço às armas feito,
Pera cantar-vos, mente às Musas dada;
Só me falece ser a vós aceito,
De quem virtude deve ser prezada.»

X, 155

Mas os louvores ao monarca, símbolo vivo e guardião da pátria, não impedem o poeta de formular, sem falsa modéstia, o alto conceito em que se tinha:

«Mas eu que falo, humilde, baxo e rudo,
De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei, contudo,
Que o louvor sai às vezes acabado.
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.»

X, 154.

Mas o tempo da influência castelhana na corte, pelos casamentos sucessivos de D. Manuel com três princesas, o de sua filha D. Isabel, mulher de rara formosura retratada por Ticiano e chorada pelos poetas que a adoraram na sua morte prematura, que desposou o mais poderoso senhor da Europa, o imperador Carlos V, foi comprometido por D. Catarina, irmã deste e que se sentia mais próxima dos interesses dele do que rainha de Portugal (QUEIROZ VELLOSO demonstrou-o sem sombra de dúvida) e começou a suscitar reccios pelas ambições do imperador e de seu filho Filipe II.

É dentro desta mudança que tem de enquadrar-se o anticastelhanismo de CAMÕES. Isso o impediu de ser um grande escritor ibérico, como o genial GIL VICENTE que escreveu em castelhano alguns dos mais belos autos (estudados profundamente pelo filólogo e poeta DÁMASO ALONSO, que o integrou definitivamente entre os grandes escritores castelhanos). E CERVANTES chamou a *Os Lusíadas* «el tesoro del Luso» e a epopeia foi traduzida para castelhano ainda em vida de CAMÕES, afinal tão apreciado em Espanha como na Itália; o poeta, ao contrário de alguns seus contemporâneos, apenas escreveu

em português. Isto não impediu a enorme irradiação do seu nome e da sua obra na Europa culta da Renascença. Afinal, os espanhóis foram mais generosos com CAMÕES do que ele com «nuestros hermanos». Como que pressagiava o trágico desastre de Alcácer-Quibir e a união das duas coroas peninsulares. «Morreu com a Pátria», diz-se, e mais do que expressão retórica é como um símbolo de uma inflexão política que a forte individualidade e consciência de Portugal não permitiu que fosse duradoura.

CAMÕES E UM GEÓGRAFO CONTEMPORÂNEO

Para terminar vou aludir à maneira como outro grande geógrafo viu e *sentiu* CAMÕES: refiro-me a O. H. K. SPATE, que, ao contrário de alguns compatriotas seus muito em voga, não fabricou teorias mas «descreveu e interpretou» (essência da Geografia) um dos mais importantes espaços naturais e humanos: *India & Pakistan* (1954) e, por isso, deve ser considerado um dos primeiros geógrafos ingleses. SPATE, não se deixando imbuir de preconceitos anti-colonialistas, entusiasmou-se pelo harmonioso contacto que os portugueses estabeleceram entre o Ocidente e o Oriente, levando a par lutas ferozes e formas de aprazível e enriquecedor convívio humano. O seu entusiasmo foi ao ponto de aprender português, de ler CAMÕES épico e lírico, de se extasiar pelo sugestivo encontro de civilizações de que Goa (anúncio da inevitável derrocada do primeiro e último império marítimo dos tempos modernos) nos dá tão viva e atraente imagem — que um pouco menos de arrogância e um pouco mais de bom senso de parte a parte teriam deixado persistir com um estatuto de autonomia e de dupla nacionalidade, que os mais esclarecidos goeses desejavam.

Escreve SPATE: «É irónico que o império português da Índia tenha sobrevivido ao britânico: seria muito longo tratar esta questão em aberto. Mas, seja qual for o destino político do papel de Portugal na Índia, culturalmente imprimiu aí raízes profundas; não pode ser negada certa imortalidade a uma cidade que conheceu São Francisco Xavier, o Apóstolo da Índia, e CAMÕES o maior poeta do seu tempo em qualquer nação e da sua nação em qualquer tempo (sublinhado por mim). A grandeza e decadência de Goa encontra-se na sua obra: ela era então 'Senhora de todo

o Oriente' [em português] e a Babilónia dos amargos sonetos [aliás canções e elegias] que são talvez a mais pungente afirmação do génio exilado em terra estranha».

Sóbolos rios que vão
por Babilónia, me achei,
onde sentado chorei
as lembranças de Sião
e quanto nela passei.
Ali o rio corrente
de meus olhos foi manado,
e tudo bem comparado,
Babilónia ao mal presente,
Sião ao tempo passado.

Ali, lembranças contentes
n'alma se representaram,
e minhas cousas ausentes
se fizeram tão presentes
como se nunca passaram.
Ali, depois de acordado,
co rosto banhado em água,
deste sonho imaginado,
vi que todo o bem passado
não é gosto, mas é mágoa.

Super Flumina...

Os rios que vão pela Babilónia do desterro e da saudade são, evidentemente, os largos estuários que separam a ilha de Goa das outras das Velhas Conquistas: Salsete e Bardez.

EXEMPLO DE EXPLORAÇÃO DAS OBRAS LÍRICAS

Enquanto *Os Lusíadas* foram escabichados em relação à enorme cultura renascentista de CAMÕES — ao mesmo tempo humanística, cosmográfica, geográfica e botânica — apenas a alusão de SPATE abre a perspectiva nova, que consiste no confronto da inspiração mais livre do poeta, que na rigidez das oitavas de *Os Lusíadas*, recheadas de alusões e comparações com a mitologia antiga, não

podia deixar correr simplesmente a inspiração e a sugestão dos lugares onde o seu destino erradio o levou.

Escolho, a título de exemplo, a *Canção VII*, onde o desespero do poeta é confrontado com um lugar angustiante pelo seu desértico isolamento:

«Junto de um seco, fero e estéril monte,
inútil e despido, calvo, informe,
da natureza em tudo aborrecido;
onde nem ave voa, ou fera dorme,
nem rio claro corre, ou ferve fonte,
nem verde ramo faz doce ruído;
cujo nome, do vulgo introduzido,
é felix, por antífrase, infelice;
o qual a Natureza
situou junto à parte
onde um braço de mar alto reparte
Abássia, da arábica aspereza,
onde fundada já foi Berenice,
ficando à parte donde
o sol que nele ferve se lhe esconde;

nele aparece o Cabo com que a costa
Africana, que vem do Austro correndo,
limite faz, Arómata chamado
Arómata outro tempo, que, volvendo
os céus, a ruda língua mal composta,
dos próprios outro nome lhe tem dado.
Aqui, no mar, que quer apressurado
entrar pela garganta deste braço,
me trouxe um tempo e teve
minha fera ventura.
Aqui, nesta remota, áspera e dura
parte do mundo, quis que a vida breve
também de si deixasse um breve espaço,
porque ficasse a vida
pelo mundo em pedaços repartida.»

Canção VII.

O estado de alma do autor não o impediu de compor uma das mais belas descrições geográficas saídas da pena de qualquer poeta. Tão exacta no pormenor, parece que foi escrita com um mapa à vista. Despida de comparações supérfluas, a natureza desértica do lugar, evocada em versos que aliam o vigor à sobriedade, cria pela repetição de imagens visuais de espantoso realismo toda a desolação de um lugar deserto e insulado. Mas, ao mesmo tempo, cartograficamente se descobrem os contornos do litoral africano, a sua brusca inflexão no Cabo de Guardafui, à entrada de um desolado braço de mar que separa a Abássia (Abissínia ou Etiópia Oriental), parte do imenso continente africano, da «arábica aspereza» de um litoral desértico. É pungente o confronto do próprio destino que o trouxe por breve tempo a um espaço de tanta desolação. «A vida pelo mundo em pedaços repartida» inspirou-lhe esta singela, seca e escarolada descrição geográfica. Poeta e geógrafo é-o aqui ambas as coisas no mais alto grau. Exemplo, digo muito de propósito, porque forrageando as *Rimas* se devem encontrar outros de que se poderia fazer esclarecedor apanhado.

Simples sugestões para uma pesquisa que várias circunstâncias me impedem de prosseguir. Era necessário que alguém que, como eu, conhecesse grande parte do mundo por onde CAMÕES andou, ajudando-se de índices nem sempre suficientes e percorrendo as *Rimas* uma a uma, tentasse não apenas a Geografia de *Os Lusíadas* mas a de toda a gigantesca obra camoniana. Nenhum poeta viajou, sofreu, amou, foi feliz e desgraçado, em tantos lugares da Terra. Nenhum como ele soube transmitir o deslumbramento pelo mundo a que as duas nações ibéricas deram, pela primeira vez, a verdadeira dimensão. Talvez nenhum outro poeta possuísse tão vastos conhecimentos de Cosmografia e Geografia e neles se inspirasse; certamente ninguém soube transmiti-los como ele. Por isso procurei mostrar, nestas singelas reflexões de leitura, o sentimento de que LUÍS DE CAMÕES é como uma divindade tutelar das Ciências da Terra, desde o seu lugar no mundo até aos espaços e aos povos que dão às regiões uma fisionomia própria e inconfundível que ele tão bem soube captar.

ESTUDO CIENTÍFICO DE «OS LUSÍADAS»

Dado que a epopeia condensa uma autêntica e ampla cultura renascentista, com base no humanismo mas acompanhando o grande

desenvolvimento científico da época, a bibliografia do assunto a esta luz é desoladoramente escassa. Os centenários produzem mais retórica do que «grave e honesto estudo».

As Fontes dos Lusíadas de JOSÉ MARIA RODRIGUES estudam tão só textos literários. Apenas dois aspectos científicos foram tratados por mão de mestre: *A Flora dos Lusíadas* pelo CONDE DE FICALHO (aqui condensada num propósito geográfico) e a *Astronomia dos Lusíadas* por LUCIANO PEREIRA DA SILVA, hoje acessível e com uma parte que diz respeito à Geografia tradicionalmente chamada matemática, que trata da Terra como planeta (não se divulgou o desgracioso nome de Geoplanetologia). Falta uma «História nos Lusíadas», para que chamou a atenção, num breve e lúcido artigo (1973), JORGE BORGES DE MACEDO, um dos nossos melhores historiadores actuais. O aspecto literário foi estudado com toda a profundidade por MARIA VITALINA LEAL DE MATOS numa grande e densa tese doutoral felizmente em impressão (as teses policopiadas podem ser excelentes mas têm divulgação muito escassa, principalmente no estrangeiro). Falta um estudo que o presente artigo, obra de boa vontade mas insuficiente, não pretende suprir. Ele exige um conhecimento profundo da Geografia do Renascimento e um minucioso cotejo de fontes, incluindo a rebusca de arquivos, nacionais e estrangeiros, que está fora das possibilidades do autor, atento embora à história da Ciência geográfica, desde os seus precursores renascentistas, mas fundada pelos grandes geógrafos dos séculos XIX e XX e hoje em plena floração, até com ramos que alguns consideram espúrios. Não apenas a Geografia física, mas principalmente a económica e política, merecem um estudo desenvolvido e não só em *Os Lusíadas* mas, como pressentiu SPATE, na pujante obra lírica, que ficou fora das minhas indagações. O assunto está assim em aberto e, se tenho a pretensão de haver lançado algumas ideias e sugestões de pesquisa, merece que alguém mais novo se debruce longamente sobre ele (pode dar uma excelente tese de doutoramento).

Pretende-se apenas que uma revista portuguesa de Geografia, que ostenta na capa a esfera armilar dos Descobrimentos, evoque no quarto centenário da morte do poeta o seu vastíssimo saber e os problemas que suscita à luz da Ciência geográfica moderna.

ORLANDO RIBEIRO

RÉSUMÉ

Camões et la Géographie. CAMÕES est le plus géographe de tous les poètes, ainsi que HUMBOLDT le montrait déjà dans le *Cosmos*. Depuis sa description de la «machine du monde» selon Ptolémée et sa somme des continents et pays connus, jusqu'à ses tableaux de paysages maritimes et littoraux, il révèle une conception ample et ferme de la Géographie, liée à l'Histoire, mais précédant celle-ci:

Je parlerai d'abord de la vaste terre
Puis je parlerai de la sanglante guerre.

Ses sources sont variées, depuis les auteurs grecs et latins jusqu'à, probablement, la Géographie aujourd'hui perdue de JOÃO DE BARROS, son expérience personnelle et les témoignages de ses contemporains.

Poète de l'océan et de ses tempêtes, CAMÕES a été peu sensible à la beauté des forêts tropicales. La flore exotique n'apparaît guère dans son œuvre que sous son aspect commercial de productrice d'épices et de bois odoriférants et de teinture, comme l'a montré de COMTE DE FICALHO. La végétation de l'île des Amours est toute méditerranéenne.

Exprimant éloquemment le double aspect commercial et politique de l'expansion portugaise, CAMÕES révèle son profond amour de la patrie mais passe presque complètement sous silence la partie espagnole des grandes découvertes.

Entre les géographes modernes, c'est O. H. K. SPATE, auteur d'un grand livre sur *India & Pakistan* qui a le mieux senti la signification de l'œuvre du poète. Il vaudrait la peine d'élargir à l'ensemble des vers et d'approfondir les notes ici présentées.